

PROÉMIO DA *RETÓRICA A HERÉNIO* - UMA ADAPTAÇÃO EM VERSO POR INÁCIO DE MORAIS

AIRES PEREIRA DO COUTO

Discutiu-se durante muito tempo se a *Retórica a Herénio*, um importante manual de retórica do século I a.C. publicado no início das obras completas de Cícero¹, era efectivamente obra do Arpinate. Atribuíram-lha, sem qualquer dúvida, Rufino, Prisciano e S. Jerónimo². Esta opinião prevaleceu até meados do século XV, altura em que surgiram as primeiras dúvidas sobre a autoria ciceroniana até então comumente aceite. No século XVI, alguns estudiosos aperceberam-se que Quintiliano, em vários passos, citava como tiradas de um tal Cornifício expressões que se encontravam na *Retórica a Herénio*. Desde então, concluiu-se que a autoria desta obra tinha sido erradamente atribuída a Cícero e começou-se a atribuí-la a Cornifício, embora não se soubesse muito bem quem era este Cornifício. Actualmente, embora não haja certezas sobre o verdadeiro autor da *Retórica a Herénio*, tem-se por certo que ela não é da autoria de Cícero³.

Aliás, os problemas relacionados com esta obra não se limitam às dúvidas sobre a sua autoria, elas estendem-se à sua datação (deve ter sido escrita entre 86 e 82 a.C.)⁴ e à identificação do seu destinatário⁵.

A *Retórica a Herénio* inspirou Inácio de Moraes – um humanista bragantino a quem cabe um lugar de relevo na cultura portuguesa do século XVI⁶, nomeadamente na literatura quinhentista

¹ Vd. e.g. *Oeuvres complètes de Cicéron*. Éditions Nisard, tome premier, Paris, Dubochet et Comp. éditeurs, 1843.

² Cf. *Rhétorique à Herennius*. Paris, “Les Belles Lettres”, 1989, pp.XIV-XV.

³ Cf. *ibid.* pp.XV-XVII.

⁴ Vd. *ibid.* pp.VI-XIII.

⁵ Vd. *ibid.* pp. 235-236.

⁶ Sobre este importante humanista português pouco divulgado, vd. Aires Pereira do Couto, *Vida e Obra de Inácio de Moraes*, Coimbra, 1995 (tese de doutoramento, policopiada).

novilatina – e serviu-lhe de fonte para a elaboração de uma composição poética constituída por 108 versos. Trata-se do *M. T. Ciceronis proaemium Rhetoricae ad Herennium ex prosa in carmen uersum* que é, como o próprio título indica, a adaptação em verso, num desenvolvimento bastante livre, como veremos, do prómio da *Retórica a Herénio*, mais propriamente de um resumo do primeiro dos seus quatro livros.

Esta obra de Inácio de Moraes é referida pela primeira vez por Barbosa Machado, que a intitula *M. T. Ciceronis Proaemium Rhetoricae. Dicatum Nobilissimo Iuueni Petro Lupo Sousae*⁷. Infelizmente não chegou aos nossos dias qualquer exemplar impresso; nas nossas investigações apenas a encontrámos inserida num manuscrito da Biblioteca da Ajuda (cota 51-II-2), fls.18-21⁸. Neste manuscrito, a obra apresenta na fl.18, à guisa de prefácio do poema, a seguinte carta:

*IGNATIVS MOREVS NOBILISSIMO IUVENI
PETRO LVPO SOVSAE, S. D.*

Posteaquam huc me Conimbricam recepi, Petre, humanissime ac nobilissime iuuenis, saepius (fateor) me tui desiderium cepit. Amo enim te et suspicio talibus moratum moribus, tali natum ingenio, ut clarissimam maiorum stirpem, et magnanimum parentem referas. Veniebat in mentem mihi, quantum lusibus et studiis mei tribuere solebas, et meas (ut Catulus inquit) esse aliquid putare nugas. Nam praeter quod nobilissimam uestram familiam nostra semper coluit, eo maioris etiam benevolentiae affectus me tibi conciliat, quod iisdem te studiis capi uideo quibus ego iam a pueritia sum unice delectatus. Spes est porro fore ut, cum maturior tibi aetas accesserit, patris praeclara facta, et militaris disciplinae gloriam aemuleris.

Accipe quod tibi mitto carmen, summam Rhetoricae complectens. Quod si leue et illaboratum est, talia libenter solebas legere et laudibus insuper commendare quaecumque tibi afferebam; sin breue est, minus te rudis offendet iunctura; at post hoc plura fortasse ad te dimittam.

Vale ex Conimbrica.

INÁCIO DE MORAIS ENVIA SAUDAÇÕES
AO NOBILÍSSIMO JOVEM PEDRO LOPES DE SOUSA

Depois que voltei aqui para Coimbra, Pedro, cultíssimo e nobilíssimo jovem, muitas vezes (confesso) se apoderou de mim a saudade de ti. Na verdade, tenho-te afeição e vejo-te dotado de tal carácter, nascido com tal talento, que reproduzes o teu magnânimo pai e a claríssima estirpe dos teus antepassados. Lembrava-me de quanto costumavas ter em consideração os

⁷ Cf. *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967 (1741-1759), vol.II, p.546.

⁸ Com base neste manuscrito, nós estabelecemos o texto e traduzimo-lo na nossa já citada tese de doutoramento, pp.450-458. Já em 1960, Albino Pedrosa Campos transcreveu e traduziu a referida carta e o poema, embora com algumas falhas, na sua dissertação de licenciatura apresentada em Coimbra e intitulada *Um luminar na Universidade de Coimbra no século XVI - a obra desconhecida de Inácio de Moraes*, pp.87-106.

meus estudos e passatempos e “acreditar que as minhas bagatelas tinham algum valor” (como diz Catulo)⁹. De facto, além de que a minha família sempre respeitou a tua nobilíssima família, vejo que tu és seduzido pelos mesmos estudos com que eu me delicieei exclusivamente desde a infância, por isso também o afecto benevolente que me une a ti é maior. Além disso, há a esperança de que hás-de igualar os notáveis feitos do teu pai e a glória da disciplina militar, quando tiveres atingido uma idade mais madura.

Aceita o poema que te envio, que compreende a parte essencial da *Retórica*. E se ele é ligeiro e pouco trabalhado, tu costumavas ler tais coisas de bom grado e, além disso, recomendar com elogios tudo o que eu te apresentava; se, pelo contrário, é pequeno, menos te desagradará a rude composição; e depois deste talvez te envie mais.

Adeus,
de Coimbra.

Pedro Lopes de Sousa, o destinatário desta carta, era um fidalgo do século XVI, alcaide-mor de Rio Maior e filho do notável colonizador do Brasil e vice-rei da Índia, Martim Afonso de Sousa. Desempenhou as funções de embaixador em Castela; era senhor de várias terras e capitão donatário das capitâncias de Santana e de S. Vicente, fundadas por seu pai no Brasil. Acompanhou D. Sebastião a Alcácer-Quibir, tendo aí perdido a vida em 4 de Agosto de 1578.¹⁰

No começo da carta ficamos a saber que Inácio de Moraes voltou para Coimbra, vindo provavelmente de Guimarães, mais propriamente do Colégio de Santa Marinha da Costa, onde o humanista voltou a leccionar entre 1542 e 1546, depois de o ter feito em Santa Cruz entre 1539 e 1542. Sabe-se que em 30 de Setembro de 1546 Inácio de Moraes foi nomeado por D. João III professor de uma cadeira de Poesia na Universidade de Coimbra¹¹. É possível que Inácio de Moraes tenha sido professor de Pedro Lopes de Sousa em Guimarães, o que justificaria as saudades que diz sentir do jovem, agora que se encontrava a leccionar em Coimbra. De acordo com estes dados julgamos poder datar esta carta e o poema que se lhe segue de finais de 1546 ou início de 1547.

Uma razão que poderá ter levado Inácio de Moraes a passar para verso o início da *Retórica a Herénio* terá sido o facto de, em 30 de Setembro de 1546, numa reunião do reitor da Universidade de Coimbra com os lentes, o estudo desta obra ter sido considerado obrigatório na

⁹ Catulo, 1, 4.

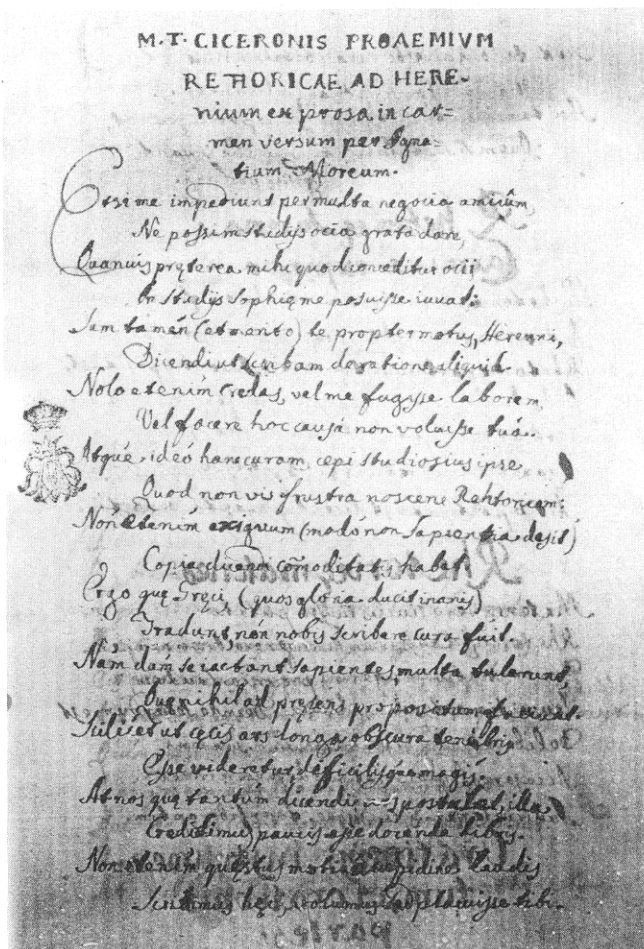
¹⁰ Sobre Pedro Lopes de Sousa, vd. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, 1946-1955, (13 tomos em 14 vols.), tomo XII (parte II), pp. 245-246.

¹¹ O alvará de nomeação, que se encontra no Arquivo da Universidade de Coimbra, foi publicado por Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, Coimbra, vol. III, 1939, p. 54.

4ª regra de Latim¹² e Inácio de Morais ter começado a leccionar, como vimos, a cadeira de Poesia nesta mesma data.

Como já referimos, a esta carta segue-se uma composição poética intitulada:

M. T. CICERONIS PROAEMIVM RHETORICAE AD HERENNIVM EX PROSA IN CARMEN VERSVM PER IGNATIVM MOREVM.¹³



A primeira página do M. T. Ciceronis Proaemium Rhetoricae ad Herennium no ms. da Biblioteca da Ajuda.

¹² Cf. *idem*, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, Coimbra, 1941-1969, vol. I, p.295.

¹³ Como se pode confirmar pela primeira página do poema de Inácio de Morais que se encontra no ms. da Biblioteca da Ajuda e que aqui reproduzimos, a palavra

Este poema aparece dividido em sete pequenos capítulos:

- . O primeiro, que serve de prólogo e que começa imediatamente após o título, é constituído por 13 dísticos elegíacos.
- . O segundo, intitulado *Rhetoricae summa carmine expressa*, é formado por 7 hexâmetros dactílicos.
- . O terceiro, intitulado *Rhetoricae materies*, também é constituído por 7 hexâmetros dactílicos.
- . O quarto, intitulado *Orationis instrumentum et orationis partes*, é composto por 29 hexâmetros dactílicos.
- . O quinto, intitulado *De exordio*, é formado por 15 hexâmetros dactílicos.
- . O sexto, intitulado *De statibus in causis*, é constituído por 18 hexâmetros dactílicos.
- . Finalmente, o sétimo capítulo, intitulado *Triplex oratoris opus*, é composto por 6 hexâmetros dactílicos.

Vejamos então quais as semelhanças e diferenças entre este poema e a *Retórica a Herénio*¹⁴:

O prólogo do poema de Inácio de Moraes mantém, com pequenas variantes, o conteúdo do capítulo 1 do livro I da *Retórica a Herénio*, onde o autor se propõe, a pedido de um tal Herénio, que pretendia aprender retórica, escrever alguma coisa acerca da arte oratória, embora nada de complicado e arrogante como o fizeram os gregos, mas apenas aquilo que é indispensável à arte de falar, pois não foi o desejo de glória ou de riqueza que o levou a escrever acerca da oratória, mas tão somente satisfazer o desejo do amigo:

Rhet. Her. I, 1: Etsi negotiis familiaribus inpediti uix satis otium studio suppeditare possumus et id ipsum quod datur otii libentius in philosophia consumere consueuimus, tamen tua nos, C. Herenni, uoluntas commouit ut de ratione dicendi conscriberemus, ne aut tua causa noluisse aut fugisse nos laborem putares. Et eo studiosius hoc negotium suscepimus, quod te non sine causa uelle cognoscere rhetoricam intellegebamus: non enim parum in se habet fructus copia

Rhetoricae aparece mal escrita. No texto que estabelecemos na nossa tese de doutoramento corrigimos esta e outras palavras. Assim, as transcrições que apresentamos neste artigo correspondem ao texto que estabelecemos na referida tese. Este título informa-nos também que Inácio de Moraes ainda atribui, erradamente, a Cícero, a autoria da *Retórica a Herénio*.

¹⁴ Para a comparação que iremos estabelecendo entre o texto de Inácio de Moraes e a *Retórica a Herénio*, servir-nos-á de base o já citado texto estabelecido por Guy Achard da edição “Les Belles Lettres”.

dicendi et commoditas orationis, si recta intelligentia et definita moderatione animi gubernatur. Quas ob res illa quae Graeci scriptores inanis arrogantiae causa sibi assumpsere reliquimus. Nam illi, ne parum multa scisse uiderentur, ea conquisiuerunt quae nihil attinebant, ut ars difficilior cognitu putaretur: nos ea quae uidebantur ad rationem dicendi pertinere sumpsimus. Non enim spe quaestus aut gloria commoti uenimus ad scribendum quemadmodum ceteri, sed ut industria nostra tuae morem geramus uoluntati. Nunc, ne nimium longa sumatur oratio, de re dicere incipiemus, si te illud unum monuerimus, artem sine assiduitate dicendi non multum iuuare, ut intellegas hanc rationem praeceptionis ad exercitationem accommodari oportere.

I. Morais: *Etsi me impediunt permulta negotia amicam,
ne possim studiis otia grata dare,
quamuis praeterea mihi quod conceditur otii
in studiis sophiae me posuisse iuuat,
sum tamen (et merito) te propter motus, Herenni,
dicendi ut scribam de ratione aliquid.
Nolo etenim credas, uel me fugisse laborem
uel facere hoc causa non uoluisse tua;
atque ideo hanc curam cepi studiosius ipse
quod non uis frustra noscere Rhetoricam;
non etenim exiguum (modo non sapientia desit)
copia dicendi commoditatis habet.
Ergo quae Graeci (quos gloria ducit inanis)
tradunt, non nobis scribere cura fuit.
Nam dum se iactant sapientes, multa tulerunt
quae nihil ad praesens propositum faciunt.
Scilicet ut caecis ars longa obscura tenebris
esse uideretur difficilisque magis.
At nos quae tantum dicendi ars postulat, illa
credidimus paucis esse docenda libris.
Non etenim quaestus motiue cupidine laudis
scribimus haec, uolumus sed placuisse tibi.
Sed ne te longa uerborum ambage moremur
mandare hoc scriptis aggrediamur opus.
Hoc tamen ante scias usum praecepta requirunt,
quem si sustuleris, non nimis illa iuuant.*

A hostilidade para com os gregos, patente neste passo da *Retórica a Herénio* e mantida por Inácio de Morais nos versos 13 sqq. faz lembrar a atitude de António no *De Oratore*, II, 77 sqq. de Cícero.

O capítulo que Inácio de Morais intitula *Rhetoricae summa carmine expressa* corresponde a uma adaptação, bastante livre e resumida, do primeiro parágrafo do capítulo 2 e do primeiro parágrafo do capítulo 3 do livro I da *Retórica a Herénio* nos quais se fala, respectivamente, do

objectivo do orador: falar com elegância e persuadir os ouvintes; e das cinco partes da retórica: invenção, disposição, elocução, memória e acção¹⁵. Vejamos os referidos passos:

Rhet. Her. I, 2: Oratoris officium est de iis rebus posse dicere, quae res ad usum ciuilem moribus ac legibus constitutae sunt, cum assensione auditorum, quoad eius fieri poterit.

Rhet. Her. I, 3: Oportet igitur esse in oratore inuentionem, dispositionem, elocutionem, memoriam, pronuntiationem. Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium, quae causam probabilem reddunt. Dispositio est ordo et distributio rerum, quae demonstrat quid quibus locis sit collocandum. Elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad inuentionem adcommodatio. Memoria est firma animi rerum et uerborum et dispositionis receptio. Pronuntiatio est uocis, uultus, gestus moderatio cum uenustate.

I. Morais: *Rhetoricae officium est ornate dicere finis auditorum animis et persuadere, quod optat. Rhetoricae partes sunt quinque: inuentio prima est, ordo decens rerum, disponens cuncta, secunda est; tertia, res ornat lectis facundia uerbis; quarta, memor retinet figitque in sensibus imis; actio postrema est dicendique apta uenustas.*

Inácio de Morais omitiu uma parte do capítulo 2, que se refere aos três géneros de causas, retomando-a no capítulo seguinte. Optou também, em relação ao capítulo 3, por falar apenas das cinco partes da retórica, omitindo a referência às três maneiras de o orador o conseguir, ao contrário do autor da *Retórica a Herénio* que, a este propósito, diz: “Haec omnia tribus rebus assequi poterimus, arte, imitatione, exercitatione”.

O capítulo que Inácio de Morais intitula *Rhetoricae materies* e em que se fala dos três géneros de causas, corresponde à adaptação, de forma bastante aproximada, do segundo parágrafo do já referido capítulo 2 do livro I da *Retórica a Herénio* que o humanista omitira no capítulo anterior:

Rhet. Her. I, 2: Tria sunt genera causarum, quae recipere debet orator: demonstratiuum, deliberatiuum, iudiciale. Demonstratiuum est

¹⁵ Trata-se da divisão tradicional que aparece referida nos tratados de retórica (vd. e. g. Cícero, *De Oratore* I, 31, 141; II, 29, 79; *Partitiones Oratoriae* 2-7; e *Orator* 14-16).

quod tribuitur in alicuius certae personae laudem aut uituperationem. Deliberatiuum est in consultatione, quod habet in se suasionem et dissuasionem. Iudiciale est quod positum est in controuersia, quod habet accusationem aut petitionem cum defensione.

I. Morais: *Materies uero ciuiliis causa putatur rhetoricae. Causarum sunt genera tria nempe demonstratiuum referens praeconia laudum, seu uitia ostendens alicuius. Deinde secundum est deliberatiuum dissuadens, siue suadens. Accusare aliquod solet, aut defendere crimen iudiciale genus, causisque forensibus aptum.*

A classificação dos géneros é exactamente a mesma nas duas obras. Trata-se da célebre distinção dos três géneros da eloquência (*demonstratiuum, deliberatiuum, iudiciale*) estabelecida por Aristóteles (vd. *Rhetorica* I, 1358b) e desde então adoptada por todos os tratados de retórica (vd. e.g. Cícero, *De Oratore* I, 141). Com o primeiro, elogia-se ou critica-se alguém; com o segundo, tenta-se persuadir ou dissuadir; com o terceiro, faz-se uma acusação ou uma defesa.

O capítulo intitulado por Inácio de Morais *Orationis instrumentum et orationis partes*, em que se fala das partes do discurso e dos diferentes géneros de causas, corresponde a uma adaptação, com bastante liberdade e algumas diferenças de conteúdo, dos capítulos 4 e 5 do livro I da *Retórica a Herénio*:

Rhet. Her. I, 4-5: Inuentio in sex partes orationis consumitur: exordium, narrationem, diuisionem, confirmationem, confutationem, conclusionem. Exordium est principium orationis per quod animus auditoris uel iudicis constituitur et apparatus ad audiendum. Narratio est rerum gestarum aut proinde ut gestarum expositio. Diuisio est per quam aperimus quid conueniat, quid in controuersia sit, per quam exponimus quibus de rebus simus dicturi. Confirmatio est nostrorum argumentorum expositio cum asseueratione. Confutatio est contrariorum locorum dissolutio. Conclusio est artificiosus terminus orationis.

Nunc, quoniam una cum oratoris officiis, quo res cognitu facilius esset, producti sumus ut de orationis partibus loqueremur et eas ad inuentionis rationem accommodaremus, de exordio primum dicendum uidetur.

Causa posita, quo commodius exordiri possimus, genus causae est considerandum. Genera causarum sunt quattuor: honestum, turpe, dubium, humile.

Honestum causae genus esse putatur cum aut id defendimus quod ab omnibus defendendum uidetur, aut id obpugnamus quod ab omnibus uidetur obpugnari debere ut pro uiro forti, contra parricidam. Turpe

*genus intellegitur cum aut honesta res oppugnatur aut defenditur turpis.
Dubium genus est cum habet in se causa et honestatis et turpitudinis
partem. Humile genus est cum contempta res affertur.*

I. Morais: *Est oratori instrumentum oratio, nempe,
qua persuadet; quam partes in quatuor esse
diuisam memorant Ciceronis scripta disertis.
Prima est, principio¹⁶, blandis captare fauorem,
inque auditorum mentes irrepere dictis
ut sint dicturo attentis, dociles et amici.
Reddimus attentos si quae proponimus ipsi
utilis et pulchra et spectatu digna fatemur.
Tunc dociles fiunt, cum nos breuitate loquendi
dicimus usuros, dicturosque omnia aperte,
tunc nobis illos ultro alliciemus amore,
dum illorum studiis promittimus esse paratos.
Sit uerisimilis, breuis, et narratio clara,
quae rem commemorat post confirmatio pugnae
argumentosis niteris rationibus, instet,
nunc tua dicta probans, nunc et contraria tollens.
Ultimaque orandi conclusio deinde sequatur,
quae breuiter repetat, quae iam praedicta fuerunt
atque iterum studio sibi conciliare labore
auditorum animos, moueatque effectibus ipsos.
Est alia in causis generum diuisio, namque
aut dubium, aut humile est genus, aut turpe est uel honestum.
Cum pro re iusta quisquam decertat, honestum est;
cum pro non iusta decertat, turpe uocetur.
Quod de rebus agit paruus, humile esse putetur.
Protinus¹⁷ multis caelestia dona
at dubium est, partim quod turpi miscet honestum.
Exemplum, uictor cum occidit Horatius olim
germanam caesi deflentem fata mariti.¹⁸*

¹⁶ Inácio de Morais fala apenas num tipo de exórdio: o *principium*, enquanto que na *Retórica a Herénio* se fala em dois tipos de exórdio: o *principium* e a *insinuatio* :

Exordiorum duo sunt genera: principium, quod Graece proemium appellatur; et insinuatio, quae ephodos nominatur. Principium est cum statim auditoris animum nobis idoneum reddimus ad audiendum. Id sumitur ut attentos, ut dociles, ut beniuolos auditores habere possimus. (liv. I, cap. 6).

O autor da *Retórica a Herénio* retoma estes conceitos no cap. 11 do livro I.

¹⁷ Este verso encontra-se incompleto. De facto, no manuscrito, a palavra que se segue a *protinus* está riscada.

¹⁸ Alusão ao assassinio de Camila, irmã dos Horácios, morta pelo seu próprio irmão.

A lenda conta que quando o Horácio, vencedor dos Curiácios, regressou a Roma com os despojos da luta, a sua irmã reconheceu um manto que oferecera a um dos

Como se pode concluir do confronto destes dois passos, o número de partes em que se divide o discurso não é coincidente. Enquanto que o autor da *Retórica a Herénio* o divide em 6 partes: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação e conclusão; Inácio de Moraes divide-o apenas em quatro: exórdio, narração, confirmação e conclusão. Suprime a divisão e reúne numa só categoria a confirmação e a refutação. Com o exórdio procura-se seduzir os ouvintes; a narração deve ser breve e clara; com uma confirmação veemente, o orador deve procurar provar as suas palavras e refutar as contrárias; a conclusão deve ser um resumo do que foi dito e deve procurar cativar novamente os ouvintes.

O número das partes do discurso varia consoante o retor. Aristóteles considera que há duas partes fundamentais: a exposição (πρόθεσις) e a demonstração (πίστις) (cf. *Rhetorica* 1414a), mas não exclui a utilização da narração e da conclusão. Os estóicos recomendavam quatro partes: o exórdio, a narração, a refutação e a conclusão (cf. Diógenes Laércio, VII, 43). Cícero começa por apresentar no *De Inventione* I, 19 a mesma enumeração que aparece na *Retórica a Herénio*, mas mais tarde simplifica-a e divide o discurso, como refere Inácio de Moraes, em quatro partes (cf. *De Oratore* I, 143; *Partitiones Oratoriae* 8, 27; *Topica* 97-98).

Esta possível aproximação entre o poema de Inácio de Moraes e estas obras de Cícero revela que o humanista não se limitou a pôr em verso o começo da *Retórica a Herénio*; adaptou-o com bastante liberdade, colhendo também inspiração em outros textos que tratam do mesmo tema, como é o caso das obras referidas. Aliás, quem ler a totalidade da obra de Inácio de Moraes, facilmente poderá detectar exemplos de influência ciceroniana¹⁹. É muito provável que o humanista bragantino possuísse as obras de Cícero, como o parece querer indicar a existência, na Biblioteca Municipal de Aveiro, de dois tomos in-fólio dos *Opera omnia* de Cícero, editados por Robert Estienne (Paris, 1538-1539), que apresentam, ambos, em letra do século XVI, a seguinte assinatura: *De Inação de Moraes*.²⁰

Curiácios, seu noivo, pelo que desatou em lágrimas. Irado, o irmão apunhalou-a, mas foi condenado pelos magistrados a ser flagelado e enforcado. Entretanto o Horácio apelou para o povo que o absolveu do crime. (Vd. Tito Lívio, I, 26).

Este exemplo não é referido na *Retórica a Herénio*.

¹⁹ Vd. Aires P. Couto, *op. cit.*, pp.225-229.

²⁰ Sobre a possibilidade deste Inácio de Moraes ser efectivamente o nosso humanista, vd. Belmiro Fernandes Pereira, "Livros raros na Biblioteca Municipal de Aveiro" in *Humanitas*, vols. XLI-XLII. Coimbra, (1989-1990), pp.199-210.

Ainda no capítulo *Orationis instrumentum et orationis partes*, os quatro géneros de causas apresentados pelo poeta bragantino: *honestum, turpe, dubium* e *humile* são coincidentes com os referidos na *Retórica a Herénio*. Uma causa é considerada honesta quando luta por uma questão justa e honesta; é considerada vergonhosa quando defende uma injustiça; duvidosa é aquela que mistura o honesto e o vergonhoso; e insignificante é a que trata de questões desprezíveis. Cícero, no *De Inuentione* I, 20, refere-se a cinco géneros de causas: *honestum, admirabile, humile, anceps* e *obscurum*.

A distinção entre os diversos tipos de exórdios considerados maus, feita por Inácio de Moraes no capítulo intitulado *De exordio*, corresponde, com a já referida liberdade de adaptação, à que aparece no 2º parágrafo do capítulo 11 do livro I da *Retórica a Herénio* :

Rhet. Her. I, 11: In exordienda causa seruandum est, ut lenis sit sermo et usitata uerborum consuetudo, ut non adparata oratio uideatur esse. Vitiosum exordium est quod in plures causas potest adcommodari, quod uulgare dicitur. Item uitiosum est quo nihilo minus aduersarius potest uti, quod commune appellatur; item illud quo aduersarius ex contrario poterit uti. Item uitiosum est, quod nimium apparatis uerbis compositum est aut nimium longum est, et quod non ex ipsa causa natum uideatur, ut proprie cohaereat cum narratione, et quod neque beniuolum neque docilem neque adtentum facit auditorem.

I. Moraes: *Principium orandi ne sit uulgare caueto, commune, aut longum, seu commutabile ne sit; ne sit transactum: namque haec uitiosa putantur. Vulgare est illud causae quod congruit omni: "ab Ioue principium Musae, Iouis omnia plena".²¹ Communi poterit contra aduersarios uti, atque tuo proprio uulnus tibi figere telo. Longum est, Troiano quod primo orditur ab ouo,²²*

²¹ Este verso foi transcrito de Virgílio, *Bucolica* 3, 60. Trata-se de uma forma de invocação habitual no início de um discurso ou de um poema (cf. Teócrito, 17, 1 e Arato, *Phaenomena* 1, 4).

²² Alusão ao ovo de Leda, esposa de Tíndaro. A Leda ter-se-ia unido o próprio Zeus, disfarçado de cisne. Fruto desta relação, Leda teria posto um ovo ou dois donde teriam nascido Helena e Clitemnestra e os Dioscuros Castor e Pólux. Helena, que viria a ser raptada por Páris, tornou-se na causa da guerra de Tróia.

Este verso apresenta semelhanças com o v. 147 da *Arte Poética* de Horácio:

Nec gemino bellum Troianum orditur ab ouo

onde o poeta crítica a maneira de tratar um tema poético começando por narrá-lo *ab ouo*, tomando, desse modo, o poema sobrecarregado com descrições inúteis.

*quodque nimis comptum uerborum ambagibus erat.
 Illud praeterea quod commutabile dictum,
 mutatum leuiter contra aduersarius ipse
 arripuisse potest, in te quod uertat eundem.
 Transactum est quod non ex causa ducitur ipsa,
 sed, quae proposito sunt longe aliena, petiuit
 loqui, dumtaxat nouit simulare cupressum.²³*

Os exórdios considerados vulgares, comuns, e longos, aparecem com as mesmas denominações em ambos os textos (*uulgare, commune e longum*) e apresentam definições idênticas: vulgar é aquele que se encontra em qualquer causa; comum é aquele que pode também ser usado pelos adversários; e é considerado longo qualquer exórdio sobrecarregado com descrições inúteis. Por outro lado, os exórdios que Inácio de Moraes denomina *commutabile* e *transactum* não aparecem explicitamente com estes nomes na *Retórica a Herénio* mas, como se pode verificar, são apontados pelas suas características: comutável é aquele que pode ser usado pelo adversário com efeito contrário; e Inácio de Moraes dá o nome de transacto àquele que, em ambos os textos, é considerado como demasiado afastado da própria causa.

O capítulo intitulado, no poema de Inácio de Moraes, *De statibus in causis*, e que é constituído por apenas 18 versos:

*In causis status est in primis inspiciendus
 qualibet in causa, ut possis ordiri et apte.
 Hi sunt tres igitur: coniecturalis habetur
 primus: num res sit; tum definitio quae sit;
 tertius est iuris: num iusta iniustae res sit.*

²³ Este verso apresenta semelhanças com os vv. 19-20 da *Arte poética* de Horácio:

(...) *et fortasse cupressum
 scis simulare.*(...)

em que Horácio compara o mau poeta com o pintor que, em todos os quadros, pinta sempre um cipreste. (Sobre o carácter irónico desta comparação, vd. o comentário feito pelo prof. Rosado Fernandes na sua tradução da *Arte poética* publicada nos Clássicos Inquérito).

Inácio de Moraes recorre a esta imagem provavelmente para criticar a inverosimilhança deste género de exórdio em que se referem coisas ultrapassadas, já mortas, semelhantes ao cipreste, uma árvore conhecida como símbolo fúnebre.

A expressão *simulare cupressum* é um dos dez provérbios citados por Inácio de Moraes na sua obra e que aparecem nos *Adágios* de Erasmo (vd. *Opera omnia emendatoria et auctiora*, tomus secundus. Complectens Adagia, Leida, 1703 (Repr. Hildesheim, Georg. Olms, 1961), 188 F.

*Fecisti aut feci, status est, an fecerit? Ergo
id cum non constet factum, penitusque negetur,
scilicet est signis, coniecturisque probandum.
Cum factum constat, sed quo sit nomine dignum
certatur, causa haec definitiua uocatur.
"Sacrilegi poena est dignus"; "non sum, nisi furti".
Tunc qui sacrilegus, qui fur, finire licebit.
Cum constat factum, facti nomen quoque constat;
sed tamen id iuste factum defenditur esse.
tunc quia firmari causam ratione petita
a iure est opus, hic nomen status inde recepit.²⁴
"Matrem occidisti" uerum testatur Orestes.²⁵
"Sed iure occidi". Status est: an iure necauit?*

trata dos estados das questões nas causas, que se resumem a três: o primeiro é o estado conjectural, isto é, se a questão existe efectivamente; o segundo é a sua definição²⁶; e finalmente, o terceiro prende-se com a questão de direito, ou seja, é necessário saber se a questão é justa ou injusta. Este capítulo é um resumo que se aproxima de alguns dos assuntos tratados, de forma bastante mais desenvolvida e ilustrada com vários exemplos, ao longo dos capítulos 18 a 27 do livro I da *Retórica a Herénio* (não transcrevemos os textos devido à sua extensão).

Inácio de Moraes termina a sua composição poética com um pequeno capítulo intitulado *Triplex oratoris opus* que retoma um conceito de Cícero acerca do tríplice trabalho do orador: instruir os conceitos da mente, deleitar os espíritos e influenciá-los com palavras:

*Postremo triplex (Marco Cicerone magistro) est
oratoris opus: mentis concepta docere,
delectare animos, uerbis pariterque mouere.
Ex quibus his sane constat primum esse necesse;
inque secundo ornatus inest, et grata uoluptas;
atque hoc postremo, uictoria laeta paratur.*

²⁴ A partir da palavra "ius" (direito) este tipo de causa recebeu o nome de causa "iuridicialis", nome que aparece no capítulo 24 do livro I da *Retórica a Herénio*.

²⁵ O exemplo de Orestes também é apresentado, de forma mais desenvolvida, na *Retórica a Herénio*, nos capítulos 17 e 26 do liv. I. Este exemplo é clássico nos retóricos (cf. Cícero, *De Inuentione* I, 18-19; Quintiliano, *Institutio Oratoria* III, 11, 4; 11, 6; 11, 11; VII, 4, 8).

²⁶ Corresponde à "causa legítima" referida no cap. 19 do livro I da *Retórica a Herénio* e na qual a *definitio* é uma das mais importantes partes constitutivas da "causa legítima".

Este conceito de Cícero, que aparece desenvolvido no *De Oratore* II, 114-216, e sintetizado duas vezes no *Brutus* e uma vez no *Orator* :

Brut. 49, 185: *Tria sunt enim, ut quidem ego sentio, quae sint efficienda dicendo; ut doceatur is apud quem dicetur, ut delectetur, ut moueatur uehementius.*

Brut. 80, 276: *Sed cum a nobis paulo ante dictum sit tria uideri esse, quae orator efficere deberet, ut doceret, ut delectaret, ut moueret.*

Orat. 21, 69: *Erit igitur eloquens - hunc enim auctore Antonio quaerimus - is qui in foro causisque ciuilibus ita dicet ut probet, ut delectet, ut flectat. Probare necessitatis est, delectare suauitatis, flectere uictoriae: nam id unum ex omnibus ad obtinendas causas potest plurimum.*

serve de conclusão e, de certo modo, de resumo do que ficou dito nos capítulos anteriores do poema de Inácio de Moraes.

Em suma, podemos concluir que, apesar da notável independência manifestada nesta adaptação poética, e embora nem sempre haja correspondência vocabular, o que é facilmente explicável pela imposição métrica do dístico elegíaco (no primeiro capítulo) e do hexâmetro dactílico (nos restantes), é, contudo, evidente o paralelismo entre as duas obras, mesmo sob o ponto de vista vocabular. De facto, Inácio de Moraes conseguiu, com mestria, pôr em verso um resumo do primeiro dos quatro livros da *Retórica a Herénio*.

Esta adaptação em verso, ainda que bastante livre, que o poeta fez da prosa, revela todo o domínio que Inácio de Moraes, um dos melhores poetas novilatinos do nosso humanismo, tinha da língua latina em geral e da sua prosódia em particular. De facto, esta transformação de prosa em poesia obrigou a que o poeta introduzisse significativas modificações no texto, quer ao nível formal quer ao nível do conteúdo, de modo a que em pouco mais de uma centena de versos estivesse compreendida a parte essencial da retórica, como ele próprio refere na carta que envia a Pedro Lopes de Sousa. Tal tarefa só poderia ser levada a cabo por alguém que fosse simultaneamente um bom poeta e um profundo conhecedor da língua latina. Inácio de Moraes conseguiu-o.